



REBENA
Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 10, 2025, p. 79 - 94

<https://rebenamnuvens.com.br/revista/index>

Construindo caminhos para a aprendizagem significativa: o papel do ambiente na Primeira Infância

Building pathways for meaningful learning: the role of the environment in Early Childhood

Isabella Negri Monticelli¹ Elisangela Karine Martins²

Submetido: 06/11/2024 Aprovado: 30/01/2025 Publicação: 05/02/2025

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão acerca do ambiente escolar na Educação Infantil, local em que a criança passa grande parte do seu dia, é neste espaço que cria relações, estabelece vínculos, desenvolve-se e constrói novos conhecimentos. Objetiva-se analisar como os espaços físicos da escola auxiliam no processo de ensino e aprendizagem, identificar os principais aspectos do ambiente escolar como um incentivador do desenvolvimento social, emocional cognitivo das crianças e reconhecer a aprendizagem significativa em ambientes preparados, os recursos necessários e suas relações na prática e o papel do professor. Este estudo foi conduzido por meio de uma pesquisa bibliográfica, escritos anteriores referentes ao tema foram consultados. Compreende-se de que maneira o ambiente escolar deve estar organizado a fim de desenvolver as crianças de zero a seis anos na sua integralidade, quais são as demandas de desenvolvimento para cada faixa etária e quais os principais objetivos que o professor deve ter ao organizar o espaço que irá pertencer com as crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Aprendizagem significativa. Ambientes de aprendizagem.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the school environment in Early Childhood Education, a place where children spend a significant portion of their day. It is in this space that they build relationships, form bonds, develop, and construct new knowledge. The aim is to analyze how the physical spaces of the school support the teaching and learning process, identify the main aspects of the school environment as a promoter of social, emotional, and cognitive development in children, and recognize meaningful learning in well-prepared environments, the necessary resources, their practical relationships, and the teacher's role. This study was conducted through a bibliographical research approach, consulting previous writings on the topic. It seeks to understand how the school environment should be organized to support the development of children aged zero to six in their entirety, what development needs exist for each age group, and what the teacher's main objectives should be when organizing the space that will be shared with the children.

Keywords: Early Childhood Education, Meaningful Learning, Learning Environments.

¹ Universidade Positivo. isabellanegri90@gmail.com

² Doutora em Gestão Ambiental pelo Programa de Pós-graduação em Gestão Ambiental da Universidade Positivo. elisangela.martins@up.edu.br

1. Introdução

Na trajetória histórica, a concepção de criança e escola de Educação Infantil sofreram inúmeras mudanças. À medida que a perspectiva se altera também se modifica a compreensão do que ela requer e principalmente o papel do que representa.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Base (LDB), de 20 de novembro de 1996, apresenta a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, no art. 29 apresenta esta etapa tem a finalidade de desenvolver a criança nos diferentes aspectos, como, físico, psicológico, intelectual e social (BRASIL,1996).

Ao entender que na Educação Infantil a criança precisa que o seu desenvolvimento seja na sua integralidade, as escolas que oferecem esta etapa da Educação devem ter ambientes preparados para proporcionar vivências tendo isto como base. Este espaço deve proporcionar o convívio entre pares, auxiliar no desenvolvimento emocional, garantir o acesso a materiais de qualidade e que condizem com a faixa etária.

Dada a importância desta etapa da educação alguns documentos norteadores são apresentados para as práticas pedagógicas, entre eles está a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nela esta etapa é vista como “início e o fundamento do processo educacional” (BRASIL, 2017, p. 32). Os eixos estruturantes deste documento são as interações e brincadeiras e assim devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para que a criança tenha condições de aprender e se desenvolver. Os direitos são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

O presente trabalho tem como linha de pesquisa a Teoria e Prática de Ensino alinhado à aprendizagem. Esse estudo está inserido no Grupo de Estudo e Pesquisa Aprendizagem Colaborativa e Significativa. Objetiva-se responder à pergunta: de que maneira o ambiente contribui para a aprendizagem significativa na educação infantil? E como objetivo geral analisar como os espaços físicos da escola auxiliam no processo de ensino e aprendizagem; identificando o ambiente escolar como um incentivador do desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças e investigando como a aprendizagem significativa acontece em ambientes preparados e configurados para atender as demandas da Educação Infantil.

A metodologia utilizada pela pesquisadora foi de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória em relação aos objetivos. Quanto às fontes, trata-se de pesquisa bibliográfica, sendo necessário a consulta em escritos anteriores que abordam os temas em discussão. A pesquisadora realizou uma análise de dados, com base no suporte bibliográfico dos autores apresentados no referencial teórico, após esta análise, foi possível a construção de uma conclusão que responde à

questão levantada nesta pesquisa, tendo como objetivo geral, investigar de que maneira o ambiente contribui para a aprendizagem significativa na Educação Infantil.

A compreensão do ambiente escolar como um reflexo das interações que ocorrem em espaços específicos é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças. Os educadores devem, portanto, planejar e organizar esses espaços de maneira a atender às necessidades físicas, sociais e intelectuais de cada faixa etária, para criar ambientes que promovam uma aprendizagem significativa, é essencial considerar as necessidades das crianças, a qualidade das relações interpessoais e o bem-estar físico e emocional dos alunos. Os professores ao reconhecerem o espaço físico da escola como parte integrante do processo educativo, sua prática pedagógica é transformada. Essa nova perspectiva permite uma visão ampliada que vai além da sala de aula tradicional.

Assim, a organização do espaço escolar, aliada à atuação dos profissionais, desempenha um papel crucial no desenvolvimento das crianças. Através de um planejamento cuidadoso, os professores podem criar ambientes que incentivem a participação ativa, a socialização, a criatividade e a interação, permitindo que os alunos construam novos conhecimentos de forma dinâmica e envolvente.

Sendo possível entender que o espaço físico da escola não é apenas um local de aprendizado, mas um elemento vital que contribui para o desenvolvimento holístico da criança. A maneira como os educadores organizam esses espaços é determinante para instigar a curiosidade e promover interações significativas entre os alunos e o ambiente ao seu redor.

2. Relação espaço x ambiente para o processo de ensino e aprendizagem da criança

A relação entre o espaço físico e o ambiente de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento e o processo de ensino e aprendizagem da criança. O ambiente escolar deve ser projetado e organizado de forma a proporcionar um espaço acolhedor, estimulante e seguro, que atenda às necessidades físicas, emocionais e cognitivas das crianças (HORN, 2004).

Nesta seção, aborda-se a importância do espaço e do ambiente para a Educação Infantil, explorando como esses fatores influenciam o processo de aprendizagem e o desenvolvimento integral da criança, ou seja, um ambiente que desenvolva a criança em todos os aspectos, sendo eles o cognitivo, o social e emocional. O espaço pensado e organizado traz consigo oportunidades de novas relações e interações, exploração de variadas formas e objetivos e desafia o desenvolvimento motor, cognitivo e social dos pequenos.

Ao se pensar nas palavras espaços e ambiente dentro da Educação, mais especificamente na Educação Infantil, Horn (2004) apresenta a distinção entre estes termos. Sendo referido à espaço

os locais a serem realizadas as práticas pedagógicas, ou melhor dizendo, a junção entre local, materiais, móveis e decoração. Já o ambiente é caracterizado pela junção entre o espaço e as relações que nele acontecem, as interações entre as crianças, adultos, a exploração dos materiais, as relações de afeto e harmonia que são construídas e assim por diante.

O Dicionário de Língua Portuguesa ilustrado (2010) apresenta as definições das palavras “espaço” e “ambiente”. Para o termo “espaço” apresenta algumas definições, entre elas “lugar que pode ser ocupado por algo ou alguém” (DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 399). E “ambiente” há: “que envolve ou está em volta das pessoas ou coisa” e “o meio físico em que se vive, conjunto de elementos que compõem esse meio” (2010, p. 46). Ambos os autores destacam que o ambiente engloba não apenas o espaço físico, mas também as relações e interações que ocorrem neste espaço, tonando-se assim conceitos complementares e interdependentes na construção de um ambiente de aprendizagem. Sendo assim, a escola por si só é um espaço, mas por meio do planejamento dos professores, a organização dos espaços, a escolha de materiais, mobílias e decoração que tenham como objetivo propiciar a interação entre todos que se sentem pertencente, este espaço torna-se um ambiente de aprendizagem significativa e acolhedor para crianças pequenas.

O espaço deve ser visto como um elemento curricular, que estimula ou limita as relações e aprendizagens. Não deve ser somente um local útil e seguro, mas sim agradável e acolhedor, para que nele a criança consiga explorar suas sensações, expressar seus sentimentos e vontades a fim de ser protagonista do processo de aprendizagem (HORN, 2004).

A ideia de que a criança deve ser protagonista do processo de aprendizagem é central na educação contemporânea. Portanto, um espaço que não é cuidadosamente organizado pode limitar as oportunidades, a autora argumenta que espaços mal estruturados podem inibir a curiosidade e a exploração da criança. Por este motivo é de extrema importância que o professor crie ambiente que, além de garantir sua segurança física, sejam ricos em estímulos, desafios e relações que promovam o desenvolvimento da criança.

Pode-se dizer que “o espaço na educação infantil não é somente um local de trabalho, um elemento a mais no processo educativo, mas é, antes de tudo um recurso, um instrumento, um parceiro do professor na prática educativa” (HORN, 2004 p. 37). O espaço deve ser planejado e estabelecido a fim de facilitar encontros, interações, relacionamento entre grupos, sempre tendo em vista qual a cultura do público que está inserido no ambiente escolar.

Esta organização inicia-se na entrada da escola pois este é o primeiro ambiente que a criança e sua família terão contato, por este motivo espera-se que seja acolhedor, confortável e comunicativo tendo em seu mobiliário poltronas, painéis de recados e avisos, fotos do cotidiano. Já o pátio deve ser o ambiente em que as crianças consigam movimentar-se de variadas formas,

construir com materiais estruturados ou não e que seja possível os jogos simbólicos, onde possam utilizar fantoches, fantasias, máscaras, entre outros.

Já as salas de referência devem atender as demandas de cada faixa etária, para os bebês de 0 a 2 anos é importante pensar em um ambiente organizado e flexível, que propicie conforto, segurança, desafios motores e interações, são necessários espaços para repouso, higiene e onde aconteça ludicidade e movimento, com materiais adequados: que desenvolva os sentidos, que produzam sons, objetos naturais ou produzidos por meio deles, livros, riscantes como giz de cera de espessura grossa, rolo de tinta, tinta guache e/ou natural, massa de modelar caseira e papéis de diversas texturas, tamanhos e espessuras. Para as crianças de 2 a 4 anos a sala de referência deve ser planejado para que a criança consiga realizar atividades diversificadas, como por exemplo: jogos simbólicos, brincadeiras em grupos e individuais, ouvir e contar histórias e realizar propostas artísticas. Para os maiores, 4 a 5 anos e 11 meses, que começam a estabelecer novas relações, são necessárias algumas modificações nos mobiliários como inserir mesas e cadeiras que possam ser dispostas de variadas maneiras, jogos com letras e números, da memória, quebra cabeça, dominó e que desenvolvam o pensamento lógico-matemático com princípios de seriação, classificação e quantificação, áreas de jogos simbólicos com instrumentos musicais, teatrais, de dramatização etc.

Horn (2004) afirma que o espaço nunca é neutro, carrega signos, símbolos daqueles que nele habitam e transformam. Muitas vezes os professores acabam se apropriando do espaço, decorando e organizando conforme seu gosto e não a necessidade da criança, utiliza desenhos prontos e estereotipados que não carregam a cultura das crianças que ali frequentam. As paredes das salas de referência e escolas devem representar as descobertas, as relações, as tentativas e o desenvolvimento do grupo de crianças que são pertencentes a este espaço para que assim sintam que suas criações, pensamentos e ideias são valorizadas e respeitadas.

Gandini (2016) aponta que tudo que está inserido no ambiente escolar reflete no desenvolvimento do sujeito, desde os móveis, sendo eles agradáveis ou funcionais, as cores das paredes, a iluminação advinda das grandes janelas, as plantas verdes e saudáveis que permeiam o espaço até a manutenção necessária, a aparência do ambiente juntamente com o desenho dos espaços, no qual deve favorecer as interações sociais, facilitar encontros e promover o bem-estar de todos. No cenário real, o ambiente escolar, muitas vezes, enfrenta desafios para implementar o ideal descrito por Gandini (2016), como a precária condição da infraestrutura e do mobiliário, a falta de espaços naturais em que a criança consiga relacionar-se com a natureza, sendo assim a equipe gestora e pedagógica podem considerar algumas ideias, como ter uma rotina de manutenção, envolver a comunidade escolar nestes cuidados, facilitar o contato com a natureza incorporando pequenas plantas que as crianças possam ser responsáveis pelo cuidado, priorizar cortinas ou persianas que permita a entrada de luz natural com maior frequência.

Entende-se o ambiente como um educador que trabalha juntamente com o professor, por este motivo deve ser flexível podendo ser modificado e atualizado sempre que necessário, seguindo o desenvolvimento e necessidade das crianças:

Nas palavras de Loris Malaguzzi em 1984: Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividade, e a seu potencial para iniciar toda a espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. Também pensamos que o espaço deve ser uma espécie de aquário que espelhe as ideias, os valores, as atitudes e a cultura das pessoas que vivem nele (GANDINI, 2016 p. 148).

A fala de Loris Malaguzzi, um dos principais teóricos da abordagem Reggio Emilia, sistema de educação para a primeira infância mundialmente reconhecido e aclamado, enfatiza que o espaço tem potencial para promover relacionamentos agradáveis entre crianças e pessoas de variadas idades, incentivar os diversos tipos de aprendizagens (social, afetivo e cognitivo), promover escolhas e atividades. Destaca-se ainda a relevância de se olhar para o espaço na Educação Infantil, enfatizando o seu papel para além de ambiente físico, apresenta a importância de valorizar a capacidade de ser organizado a fim de proporcionar bem-estar e segurança nas crianças e isso só acontece quando a criança é o centro deste planejamento. Nesta abordagem as crianças são encorajadas a explorar o ambiente e expressar-se através de todas as suas linguagens, assim o ambiente deve retratar as expressões das crianças, portanto as construções feitas pelas crianças são de grande valia no momento de decorar os espaços da escola.

Na seção a seguir será apresentado de que forma o ambiente escolar é importante para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças que estão nas escolas de primeira infância, período que abrange os 6 primeiros anos de vida.

3. A importância de um ambiente que desenvolva o social, o emocional e o cognitivo na Educação Infantil

A história da Educação está interligada com a trajetória do desenvolvimento da humanidade, no Brasil, a Educação para crianças de 4 a 6 anos foi inserida nas ações do Ministério da Educação (MEC) em 1975, ao ser criado a Coordenação de Educação Pré-Escolar, as primeiras instituições destinadas aos cuidados das crianças de 4 a 7 anos eram denominados Jardim da Infância, onde seguiam as ideias do filósofo alemão Friedrich Wilhelm August Froebel. Porém, na década de 1980 com o intenso processo de urbanização no país as mulheres começaram a participar cada vez mais do mercado de trabalho, tornando maior a necessidade pelo atendimento educacional, causando assim:

A pressão da demanda, a urgência do seu atendimento, a omissão da legislação educacional vigente, a difusão da ideologia da educação como compensação de carências e a insuficiência de recursos financeiros levaram as instituições de Educação Infantil a se expandirem “fora” dos sistemas de ensino. Difundiram-se “formas alternativas de atendimento” onde inexistiam critérios básicos relativos à infraestrutura e à escolaridade das pessoas que lidavam diretamente com as crianças, em geral mulheres, sem formação específica, chamadas de crecheiras, pajens, babás, auxiliares, etc. (BRASIL, 2005)

Tendo isso em vista, pode-se entender que a alta demanda do sistema educacional naquela época causou falta de regulamentação e legislação para suprir a necessidade da população brasileira. Apenas em 1996, com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) a Educação Infantil passou a ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, ganhando reconhecimento no sistema educacional, evidenciando a necessidade de considerar a criança como um todo e promovendo o desenvolvimento em sua integralidade para a inserção na esfera pública.

Atualmente a escola, na maioria das vezes, é o local em que a criança passa grande parte do seu dia, ou melhor, um terço do dia, aproximadamente 8 horas, neste ambiente recebe estímulos, interage com crianças e adultos, estabelece vínculos, conhece os limites, produz, imagina, brinca, alimenta-se, expressa-se, gasta sua energia, explora de variadas formas e, em alguns casos, descansa. Por conta disso, este espaço carrega grande responsabilidade, pois para algumas das crianças que a frequentam é o único espaço em que tem, ou que deve ter, os seus direitos garantidos, a possibilidade de explorar a natureza, movimentar-se livremente e expressar-se.

Para que as crianças se desenvolvam em sua totalidade precisam que os ambientes respeitem suas necessidades e que seja convidativo para interagir e socializar. Horn e Barbosa (2022) acreditam que as crianças aprendem em todos os espaços da instituição, desde o momento em que ela chega, a forma que é acolhida e a maneira que este ambiente está preparado e organizado influenciam no sentimento de pertencimento daquele espaço.

Os espaços internos e externos das instituições devem ser vistos e organizados com a mesma importância, em ambos deve acontecer propostas com contextos significativos, que desafiem a interação com diferentes materiais, que estimulem o imaginário e principalmente que seja acolhedor e prazeroso. A escola deve ser organizada em áreas, um exemplo seria o espaço para brincadeiras ao ar livre, nele deve se pensar em uma organização que permita o movimento e que também seja flexível para que os professores consigam criar propostas. Algumas sugestões para este espaço são: objetos que desafiem o seu desenvolvimento motor como caminhos com pisos de diferentes texturas e elevações, pontes suspensas ou não para que trabalhe o equilíbrio, brinquedos de escalar e escorregar, balanços, túneis e elementos naturais como canteiros, hortas e árvores em que as crianças sejam responsáveis pelo cuidado e manuseio, que possibilitem o contato com a natureza e livre exploração. Outra área que deve fazer parte do contexto escolar são as de vivências do cotidiano, que possibilite o jogo simbólico: casinha com fogão, panelas, utensílios de cozinha

de diferentes matérias, maleta de médico e um colchão para criar um contexto, frutas, embalagens de alimentos para montar um mercadinho, bonecas, berços, mamadeiras de brinquedos, ferramentas, carrinhos, entre outros.

Identifica-se que em escolas é relevante que os espaços que as crianças habitam devem se comunicar, principalmente nos momentos em que elas estão livres para explorarem. Um exemplo seria os elementos naturais que podem ser encontrados pelo chão do parque ou área externa, como os diversos tipos de sementes, folhas e gravetos. Estes materiais criam a possibilidade do imaginário, dando a oportunidade de a criança escolher o que estes elementos representam ou o que podem criar com eles, portando deve-se pensar quais são as possibilidades que a estrutura da escola oferta para que a criança tenha uma rica interação entre material e ambiente. Tendo em vista o vasto repertório das crianças, uma delas pode sugerir que as sementes que encontraram precisam ser plantadas, a escola como ambiente de descoberta e exploração deve estar preparado para as sugestões das crianças, neste aspecto seria importante ter uma área em que a criança tenha contato com a terra, para que por meio da brincadeira consiga se relacionar e vivenciar a ludicidade.

São nestes espaços que a criança aprende a fazer escolhas, esperar, construir confiança em si mesma, aprimorar suas ações, respeitar as diferenças, constituindo-se assim as aprendizagens significativas, conceito desenvolvido por David Ausebel. Moreira (2011) destaca que a aprendizagem significativa acontece por meio das relações que a criança faz entre o que já vivenciou e conhece com as experiências de aprendizagens que está inserida, assim consegue desenvolver-se cada vez mais.

Entender que o espaço preparado e organizado se torna um ambiente estimulante e acolhedor faz com que o professor pense em práticas que desenvolvam as crianças em sua integralidade, Maria Montessori, uma grande estudiosa e referência sobre o tema traz grandes contribuições, serão apresentadas na seção a seguir.

4. O ambiente como incentivador do desenvolvimento da autonomia da criança

O desenvolvimento dos seres humanos é composto por fases. Ao nascer o bebê tem poucas interações, ela acontece estreitamente entre ele e seus pais ou cuidadores. Por volta dos 4 meses aumenta as suas descobertas, começa a perceber o que faz parte de si, explora suas mãos e pés, já aos seis meses entende algumas formas de se movimentar, senta-se, rola, rasteja e no seu tempo aprimora o seu desenvolvimento motor. Próximo aos 12 meses desafia-se a andar, um pouco mais tarde ensaia o pular e assim por diante. Em todos estes momentos o ambiente tem influência direta

com o desenvolvimento da criança, portanto é necessário que as escolas valorizem as experiências sensoriais.

Para a criança interagir com o ambiente é importante observar as diferentes fases ou estágios denominados por Piaget (BEZERRA et al. 2021). Essas fases ou estágios estão relacionadas com a sua faixa etária.

A primeira fase, denominada “Sensório-motor” acontece do nascimento até os dois anos, nesse período as aprendizagens estão centradas nos movimentos corporais, imitação. Ao entrar na fase “Pré-operacional”, a criança confunde o pensamento-lógico com a fantasia, forma pré-conceitos e realiza uma ligação entre eles, em torno dos 2, 3 anos e meio ou 4 anos começa a surgir na criança a função simbólica; a linguagem; os jogos de imaginação; planos de representação etc. Ela passa a viver em dois mundos: o real e o imaginário. Só a partir dos 5 anos que ela começa a construir e organizar o pensamento, relacionando experiências passadas, presentes e futuras (BEZERRA et al. 2021).

Tendo em vista que as escolas de Educação Infantil recebem crianças de 4 meses a 6 anos, é preciso entender como funciona o processo de desenvolvimento dentro de todas as faixas etárias e de que maneira o ambiente está auxiliando no processo de maturação, pois não basta a criança estar em um espaço organizado, ela precisa interagir com ele.

Maria Montessori (2017) acredita que para que a aprendizagem e desenvolvimento aconteça dentro da escola existe uma trilogia entre: a criança, o educador e o ambiente. Sendo assim deve-se:

Criar um ambiente para a criança que a interesse, traga em si os valores da comunidade que vive, que traga conforto e confiança para ela poder dizer “aqui eu posso” (como nos ensina Carol Rogers); que traga possibilidades de agir, de descobrir, de classificar, de medir, produzir e, assim, espontaneamente, crescer (MONTESSORI, 2017, p. 10-11).

A criadora do método Montessori por meio desta citação, apresenta a sua compreensão de que o ambiente é um elemento fundamental para o desenvolvimento infantil, destaca a importância de um ambiente em que se valorize a cultura e valores da comunidade, decorrente disso a criança irá entender-se como integrante da sociedade em que vive. A criança só se sente livre para explorar e aprender quando está confortável e confiante naquele ambiente, assim Montessori (2017) enfatiza a importância de se ter um espaço que ofereça oportunidades, por meio de materiais, interações, vivências e explorações que permita que a criança se desenvolva espontaneamente.

Segundo Maria Montessori (2017), ao falar “ambiente” refere-se ao conjunto total das coisas que as crianças podem manusear e pertencer livremente. Por conta disso, as atividades a serem desenvolvidas dentro deste ambiente devem ser planejadas para o desenvolvimento da

criança para além dos muros das escolas, para que leve consigo habilidades que as auxiliem em sua vida cotidiana.

O professor, não tem como principal objetivo ensinar o seu papel dentro da escola está para além disso, ele deve observar, conhecer as crianças e seus interesses, sendo assim um facilitador do processo de ensino e aprendizagem (MONTESSORI, 2017). A autora acredita que o professor é o elo que põe a criança em contato com o ambiente, assumindo assim o papel de mediador, ou seja, deve ajudar, orientar, ser um facilitador criar possibilidades de relações entre criança e ambiente,

Tendo em vista a importância e influência do professor ao se falar do processo de construção do conhecimento da criança, a próxima seção irá abordar a esta temática, trazendo documentos norteadores e seguindo os autores já apresentado.

5. O papel do professor nas vivências da Educação Infantil

Conforme apresentado anteriormente, para Montessori (2017) há três conceitos essenciais para o desenvolvimento da criança e entre eles está o educador, aquele que prepara o ambiente pensando nas necessidades daqueles que ali frequentam.

O olhar do educador ao planejar deve ser atento e sensível para tudo aquilo que acontece nas salas e ambientes explorados pelas crianças, desde a organização dos móveis e materiais até a forma que as crianças e adultos ocupam estes espaços, “não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vive-lo intencionalmente” (HORN, 2004 p.15).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como documento norteador do planejamento das práticas pedagógicas apresenta o termo “intencionalidade educativa”, sendo assim o papel do educador é selecionar, organizar, planejar, observar, mediar para que as experiências e vivências das crianças no ambiente escolar possam promover um desenvolvimento pleno e integral (BRASIL, 2017).

Cabe ao professor conhecer e entender como acontece o desenvolvimento de cada faixa etária e quais são os materiais necessários e adequados para que consiga planejar o espaço prevendo as atividades são fundamentais para cada grupo de bebês ou crianças. Durante sua prática o professor deve ter em mente que ele é a pessoa experiente na sala, porém não é o seu papel apenas transmitir conhecimento, ele deve promover, organizar e prover situações em que as interações entre pares e com o ambiente sejam fornecedores de aprendizagem significativas.

O professor não é o detentor de todo o conhecimento e centralizador de todas as ações a serem realizadas, é ele quem deve trilhar o caminho para que a criança por meio de sua competência

e curiosidade construa o conhecimento. “O papel do professor é o de organizar as oportunidades de apoio às experiências das crianças” (HORN, 2017 p. 27), organizar o tempo das propostas, intervir quando necessário, instruí-las e ter uma escuta ativa durante todo o processo de desenvolvimento da criança.

Outra dimensão que contempla a atuação do professor com crianças pequenas é documentar, seja com imagens (fotos e vídeos), anotações e transcrições de diálogos das crianças. Por meio da documentação é capaz de refletir sobre sua prática, além de entender o interesse das crianças, compreender como se deu o processo de aprendizagem de cada uma delas e principalmente planejar novas propostas, tendo como base o protagonismo de suas crianças.

Faz-se importante destacar que “a educação é compartilhada pela mestra e o ambiente” (MONTESSORI, 2017 p.155), ou seja, nada adianta ter um ambiente organizado e preparado se não tem um professor apto e competente ou vice-versa. É o professor que ao organizar os espaços e vivências irá mediar as relações, o uso dos espaços e materiais etc. assumindo assim o papel de mediador.

Na seção a seguir serão apresentados os materiais que os professores podem utilizar nas suas práticas, como eles podem organizá-los e de que forma pode incentivar as relações no ambiente escolar.

6. A aprendizagem significativa em ambientes preparados, recursos necessários e suas relações

A criança, tem seus direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Art. 53 apresenta “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1990), portanto a escola deve garantir que a criança ao frequentar seu espaço desenvolva-se e para facilitar este processo o ambiente deve ser livre para ser explorado.

Ao ser inserida em um ambiente de aprendizagem a criança relaciona-se de diversos modos, por meio da aprendizagem significativa e a mediação do adulto ela conseguiu criar significados para aquilo que não conhece, construindo novos conhecimentos. O novo conhecimento, conforme Júnior et al. (2023), interage de forma contínua com o saber pré-existente, e o estado inicial do conhecimento anterior sofre uma transformação gradual, incluindo a aprendizagem significativa.

Segundo Goldshimied e Jackson (2006) o ambiente escolar deve ser satisfatório, e tem algumas funções, entre elas ser confortável e prático, deve manter uma aparência satisfatória e prazerosa, mas também deve dar as condições necessárias para o desenvolvimento das práticas

pedagógicas e de cuidado. O ambiente bem-preparado e planejado pelo educador provoca na criança uma conexão com ela mesma, a fim de explorar, imaginar, tomar iniciativas, se concentrar, agrupar-se com outras crianças ou adultos, buscar soluções tornando-se assim o protagonista de suas aprendizagens.

O professor assume o papel de organizador do uso do espaço e do tempo, de facilitador ao possibilitar que os bebês e crianças escolham como e com o que querem brincar e o papel de iniciador ao direcionar as crianças e apresentar a elas as possibilidades. Essa teoria, comentada por Da Silva et al. (2023), enfatiza a aprendizagem significativa como um produto de um processo cognitivo, no qual a linguagem desempenha um papel fundamental como facilitadora.

As autoras Elinor Goldshimied e Sonia Jackson (2006) apontam que a sala referência organizada já é atrativa e convidativa para novas relações, neste espaço, os materiais devem ser guardados em prateleiras abertas, de forma que as crianças consigam alcançar as coisas por si mesma quando desejarem e que o ambiente seja espaçoso para que os professores consigam organizá-lo a fim de proporcionar as crianças experiências genuínas. Uma forma de oportunizar as relações e desenvolvimento é disponibilizar áreas ou “cantos” separados para diferentes tipos de materiais designadas as variadas formas de brincar. Afinal, a brincadeira é a principal maneira das crianças aprenderem.

A sala referência para os bebês deve ser ampla, permitindo o ensaio de movimento daqueles que ainda não possuem a capacidade e para exercitar aqueles que estão iniciando o engatinhar ou andar. Para os bebês menores de 2 anos o objetivo principal da organização deste ambiente deve ser oferecer o maior campo de ação possível para atividades motoras. Os bebês brincaram com aquilo que será ofertado a ele, portanto cabe aos professores prepararem contexto para que facilite o acesso aos variados materiais, o “cesto dos tesouros” é um exemplo de proposta que proporciona a interação entre criança e objeto ou entre seus pares.

Quando o bebê é capaz de se sentar, Goldshimied e Jackson (2006) destacam que ao oferecer o “Cesto de Tesouros” eles são convidados a manusear variados materiais que estimulam os sentidos aprendendo por meio de seus interesses e necessidades.

Os materiais que devem ser ofertados são aqueles que são encontrados nos lares e que sejam seguras para o bebê manusear sem que o adulto precise dizer “não” para determinada ação ou movimento da criança, os materiais podem ser divididos em coleções, entre eles objetos naturais (frutas e legumes, penas, cascos de coco, conchas, pedras), objetos de metal (colheres, copos, tigelas, concha, correntes, latas), objetos de tecidos, borracha (saquinhos de tecido com temperos, bolas de diferentes tamanhos, pompom de lã, bichos de pelúcia, bonecas de pano). Para o momento de exploração do bebê é preciso de um ambiente calmo, sem muitas interferências e que o cesto

seja o centro da atenção. O cesto pode ser explorado individualmente ou em pequenos grupos de bebês, para que interajam e se relacionem (FOCHI, 2018).

Para as turmas de crianças maiores de 2 anos Goldshimied e Jackson (2006) apresentam a organização de cantos que oportunizem:

- O brincar imaginativo e de faz de conta: comumente denominado de brincar de casinha, onde as crianças devem ter acesso a uma mobília de cozinha de um tamanho que facilite o acesso, equipamentos reais, mesa e cadeiras;

- O brincar no chão: com blocos de madeira, pistas, animais e automóveis em miniaturas;

- O brincar em mesas: utilizando materiais de largo alcance, como contas de madeira, jogos de inserção e quebra-cabeça, travessas com grãos e objetos que proporcionem o despejar, tesoura sem ponta, papéis, cola, giz de cera etc.;

- O pintar: em diferentes planos e com variados tipos de tinta;

- O brincar com variados elementos: como água, areia, terra, entre outros;

- O canto tranquilo: espaço destinado a uma atmosfera acolhedora e segura com almofadas, colchões, sofás e livros.

Tendo em vista que o ambiente bem planejado e atendendo as necessidades de cada faixa etária propicia novas relações e interações, na seção a seguir será abordado esta temática.

7. As relações e interações em ambientes que as crianças se sentem pertencentes

Para que a criança se sinta pertencente ao ambiente escolar, inicialmente ela precisa conhecê-lo, observá-lo e testar seus movimentos e possibilidades para que assim se adapte a ele. Quando a criança entende que ela também faz parte daquele espaço e percebe que ali ela pode ela passa a criar algumas relações: com o ambiente, com as pessoas que convive, com os materiais que tem acesso e com os conhecimentos que desenvolve.

Para que as crianças construam os seus conhecimentos sobre mundo elas precisam comunicar-se, cooperar, vivenciar conflitos e isso só acontece por meio das interações durante as atividades compartilhadas, Gandini (2016) aponta que:

O desenvolvimento social é visto como uma parte intrínseca do desenvolvimento cognitivo, o espaço é planejado e estabelecido para facilitar encontros, interações e intercâmbio entre elas. O espaço precisa garantir o bem-estar de cada um e do grupo como um todo. Ao mesmo tempo, o espaço é estabelecido para favorecer relacionamentos e interações dos professores, da equipe e dos pais entre eles próprios e com as crianças (GANDINI, 2016 p. 142).

Sendo assim, é possível entender a importância do desenvolvimento da criança em sua integralidade, construída por meio das relações que estabelece no ambiente escolar. A todo

momento, com qualquer objeto, acompanhada ou não a criança aprende, cabe as escolas destinadas a educação infantil facilitar a interação dela com materiais e espaços que a criança não tem contato fora deste ambiente, para que com o conhecimento que desenvolve dentro deste espaço contribua para o desenvolvimento pessoal.

8. Considerações Finais

Para entender de que maneira o ambiente contribui para a aprendizagem significativa na Educação Infantil deve-se destacar que ao longo da trajetória das escolas de Educação Infantil no Brasil, é possível notar que a relevância sobre esta etapa da Educação Básica sofreu grandes transformações. Por muitos anos as escolas que atendiam bebês e crianças de zero a seis anos eram vistas apenas como um espaço de cuidado, comparada muitas vezes com o materno. Com o passar dos anos e o surgimento de leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Base da Educação e a Base Nacional Comum Curricular que protegem e enfatizam a importância da primeira infância, as escolas passaram a garantir o acesso e permanência em ambientes de aprendizagem que desenvolvam as crianças em sua totalidade. Oferecendo assim espaços pensados e planejados para serem habitados por elas, já os profissionais que atuam nesta etapa devem por meio dos documentos norteadores das práticas pedagógicas da instituição mediar a interação da criança com o ambiente e entre seus pares.

Ao entender o ambiente como resultado das relações que acontecem em determinados espaços, os professores devem atentar-se a planejar e organizar estes espaços a fim de atender as necessidades físicas, sociais e intelectuais de cada faixa etária. Para a construção de ambientes que incentivem a aprendizagem significativa é necessário levar em conta: as necessidades das crianças, a qualidade das relações e o bem-estar físico e emocional. Quando os professores compreendem o ambiente como parte do processo educativo a sua prática é transformada e a sua visão amplia-se para além da sala referencial.

Portanto é possível concluir que o espaço físico da escola, juntamente com a atuação dos profissionais, contribui para o desenvolvimento da criança na sua integralidade, é por meio do planejamento do professor e a forma que organiza estes espaços que a criança é incentivada e instigada a participar, socializar, criar, imaginar, se desafiar, interagir e relacionar com o ambiente construindo novos conhecimentos.

A partir dos resultados obtidos no presente artigo surgem novos questionamentos referentes ao tema. Em futuras pesquisas e estudos terá como ponto de partida entender a relação entre a teoria e a prática, realizando visitas a diversos espaços destinados a primeira etapa da educação básica, a fim de compreender na prática as relações que acontecem nestes espaços, observar e relatar a postura dos professores e entender melhor de que forma eles podem observar

as necessidades dos alunos para a adequação dos espaços. Assim, será possível apresentar de forma ilustrativa materiais e organizações que desenvolvam os bebês e crianças em sua integralidade.

Referências

BEZZERA et al. Passeando de bicicleta com Jean Piaget. Florianópolis, SC: Editora Arquétipos, 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf Acesso em: 10 de set de 2024.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 11 de mai de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. Política nacional de educação infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação. Brasília, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pol_inf_eduinf.pdf. Acesso em: 09 de set de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

DA SILVA, Marici Lopes; LIMA, Irene Batista; PONTES, Edel Alexandre Silva. Aprendizagem significativa e o uso de metodologias ativas na educação profissional e tecnológica. Observatório de la economía latinoamericana, v. 21, n. 8, p. 9038-9050, 2023.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Penso, 2016.

FOCHI, Paulo (Org.). O brincar heurístico na creche: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil. – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018

GOLDSHIMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche. Tradução: Marlon Xavier. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HORN, Maria da Graça Souza. Brincar e interagir nos espaços da escola infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.

HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos. Porto Alegre: Penso, 2022.

JÚNIOR, João Fernando Costa et al. Um olhar pedagógico sobre a Aprendizagem Significativa de David Ausubel. Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 5, p. 51-68, 2023.

MONTESORI, Maria. A descoberta da criança: pedagogia científica. Campinas: Kírion, 2017.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem Significativa: a teoria e textos complementares. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

Saraiva Jovem: Dicionário da língua portuguesa ilustrado. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.